

PENSAMENTOS AFRODIASPÓRICOS NA EDUCAÇÃO: SOBRE OUTROS SABERES E OUTRAS EPISTEMOLOGIAS

Afrodiasporic Thoughts In Education: On Other Knowledges And Other Epistemologies

Pensamientos Afrodiaspóricos En Educación: Sobre Otros Saberes Y Otras Epistemologías

Maria Angélica Zubaran¹

Ricardo Silva e Silva²

Almerinda Cristina Oliveira de Souza Sobral³

DOI: doi.org/10.31501/esf.v1i28.14622

Resumo: O artigo discute outros saberes forjados na diáspora afro-atlântica, como propostas políticas alternativas ao paradigma colonial, racista e eurocêntrico na cultura contemporânea. Dialoga-se com teóricos diaspóricos sobre o conceito de diáspora e aborda-se outras epistemologias afrodiaspóricas, buscando desracializar o Outro, destacando as potencialidades do pensamento feminista afrodiaspórico e sua dimensão interseccional e da epistemologia das encruzilhadas e sua vocação anticolonial.

Palavras-chave: diáspora afro-atlântica. pensamento feminista afrodiaspórico. epistemologia das encruzilhadas. educação.

Abstract: The article discusses other knowledges forged in the Afro-Atlantic diaspora, as alternative political proposals to the colonial, racist and Eurocentric paradigm in contemporary culture. It dialogues with diasporic theorists about the concept of diaspora and addresses other Afrodiasporic epistemologies, seeking deracialize the Other, highlighting the potential of Afrodiasporic feminist thought and its intersectional dimension and the epistemology of the crossroads and its anticolonial vocation.

Keywords: Afro-Atlantic diaspora. Afrodiasporic feminist thought. crossroads epistemology. education

Resumen: El artículo discute otros saberes forjados en la diáspora afroatlántica, como propuestas políticas alternativas al paradigma colonial, racista y eurocéntrico en la cultura contemporánea. Dialoga con teóricos diaspóricos sobre el concepto de diáspora y aborda otras epistemologías afrodiaspóricas, buscando desracializar al Otro, destacando la potencialidad del pensamiento feminista afrodiaspórico y su dimensión interseccional y la epistemología de la encrucijada y su vocación anticolonial.

Palabras clave: diáspora afroatlántica. pensamiento feminista afrodiaspórico. epistemología de encrucijada. educación

¹ Doutora, Universidade Luterana do Brasil, Canoas – RS, Brasil. angeliczubaran@yahoo.com.br | <https://orcid.org/0000-0002-7506-7387>.

² Doutorando, Universidade Luterana do Brasil, Canoas – RS, Brasil. ricardo.silva1977@rede.ulbra.br | <https://orcid.org/0000-0002-9664-7399>.

³ Doutoranda, Universidade Luterana do Brasil, Canoas – RS, Brasil. almerindasobral@rede.ulbra.br | <https://orcid.org/0000-0003-1493-2071>.

Introdução

Inicialmente, pretende-se dialogar com intelectuais diaspóricos, como Stuart Hall, Paul Gilroy, Kim Butler, Petrônio Domingues, Orlando Patterson, Luiz Rufino, Fernanda Rodrigues de Miranda e Marcello Felisberto Moraes de Assunção, no sentido de salientar a potencialidade de suas pesquisas sobre a diáspora afro-atlântica e para contribuir para o avanço dos debates em torno do pensamento afrodiaspórico.

Um trabalho de inegável valor para abordar-se a diáspora negra é O Atlântico Negro, de Gilroy (2008). De acordo com Gilroy, a noção da diáspora negra mostra-se pertinente para a compreensão dos processos de racialização no Ocidente, porque ultrapassa as perspectivas nacionais e permite recuperar a experiência da dispersão global das pessoas negras nas Américas, no Caribe e na Europa. Ao sublinhar a intensidade de fluxos culturais globais na formação de uma cultura negra na diáspora, seu estudo contribui para questionar o modelo único de políticas negras no Brasil, ainda muito centrado na história dos afro-americanos. Gilroy (2008) apontou a emergência de uma cultura negra global mais dinâmica e fluída, menos fixa e plural e destacou o extraordinário impacto da música negra no Atlântico negro. Como afirma Hall (2016), pensador que elegeu o conceito de diáspora como um dos conceitos centrais de seu estudo, “o que está em jogo no estudo da diáspora africana não é uma volta às origens, a uma “África” original, mas ao que a África se tornou no Novo Mundo e o que fizemos da África, através da política, da memória e do desejo” (p. 58).

Portanto, para interpretarmos as culturas negras afrodiaspóricas, as práticas negras que foram recriadas no novo mundo, não se podem perder de vista os intensos intercâmbios culturais que se

processaram e ainda se processam na diáspora africana do Atlântico Negro. Assim, um dos ganhos fundamentais do pensamento afrodiaspórico de Hall é o questionamento dos entendimentos universalistas, a-históricos e essencialistas da cultura e das identidades negras diaspóricas, salientando que essas categorias são históricas e culturalmente construídas. Daí que o pensamento forjado na diáspora, não se define por essencialismos ou purezas raciais, mas, pelo reconhecimento da heterogeneidade e diversidade das culturas negras transnacionais, regionais e locais. Assim, vale salientar que a dinâmica de trocas e intercâmbios das culturas negras não é exclusividade dos povos da grande diáspora moderna, mas retrocede às experiências africanas.

Outra contribuição do pensamento de Hall (2016) sobre a cultura diaspórica é a sua análise das representações estereotipadas do “Outro” em diferentes momentos da história, assim como, sobre as formas de contestação e transgressão às representações racializadas na contemporaneidade. Hall argumenta que o estereótipo é uma forma hegemônica e discursiva de poder, típica de um regime racializado de representação, mas que pode ser desafiado e modificado, de forma a desnaturalizarmos as representações racializadas e questionarmos os binarismos nos mais variados artefatos culturais. Os significados culturais não são fixos, mas em permanente deslocamentos, portanto, são escorregadios e deslizam. Daí a importância de seu pensamento para a construção de contra estratégias antirracistas na educação.

Mais recentemente, Butler e Domingues (2020), no estudo *Diásporas Imaginadas*, argumentam que “o campo da diáspora é uma ferramenta analítica valiosa, que fornece recursos para a experiência negra à luz de novas cosmovisões que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos, que não só incorporam aspectos dessa cultura diaspórica, mas que

também a modificam, segundo suas próprias intencionalidades. Neste sentido, Domingues (2021) afirma que a condição diaspórica traduz um entre-lugar, que implica a disposição para a negociação entre várias tradições da diaspórica africana e que requer permutas e múltiplos processos de continuidade e ruptura que implicam um movimento de “fazer-se” e “refazer-se”.

Vale destacar ainda, a contribuição da recente publicação da coletânea “Pensamento afrodiaspórico em perspectiva: abordagens no campo da História e Literatura” publicada em 2021, organizada por Miranda e Assunção. Conforme destaca Domingues (2021) no prefácio, trata-se de uma obra de grande importância para os estudos sobre a diáspora negra, seja “pela riqueza das fontes exploradas, pelo uso de ferramentas teóricas sólidas, pela originalidade das abordagens, pelas interpretações convincentes, enfim, pela capacidade narrativa, pelo espírito crítico e talento renovador” (p. 9). Neste sentido, como afirma Domingues (2021), a obra contribui para “repensarmos as construções epistêmicas cristalizadas, de base eurocentrada” e evidencia que “há muito mais para se conhecer sobre a produção intelectual do mundo Atlântico” (p. 15).

Por outro lado, Rufino (2017) em sua tese argumenta que as diferentes populações identificadas nas bandas de lá do Atlântico e na travessia para a margem de cá, potencializaram a comunicação diaspórica, as trocas, negociações, e contaminações e transgrediram a morte social, tematizada por Patterson (2008), pela reinvenção da vida, naquilo que Hall (2016) refere como “aquilo que nos tornamos já que a história interveio” (p. 223). Daí que a diáspora afro-atlântica se traduz tanto em perspectivas de comunicação transnacionais, porque rompe com os limites da compreensão do Estado-nação moderno, como também nas experiências vividas no interior da América Afro-latina, como propõe Andrews (2007). Assim, voltando à tese de Rufino (2017), nos propomos aqui a pensar

“outras possibilidades, que evidenciem outros princípios explicativos de mundo” (p. 151) e assim, credibilizar outras perspectivas epistêmicas.

I - O pensamento feminista afrodiaspórico e sua dimensão interseccional

Quando nos voltamos para o pensamento feminista negro, é no sentido de priorizar as epistemologias feministas negras, a circulação de ideias e a comunicação entre as mulheres negras na diáspora, particularmente nas Américas. A organização da mulheridade negra é diaspórica, marcada pelas experiências do tráfico, da escravização e do racismo e adentrando o período do pós-abolição. É nesse contexto que as vozes das mulheres negras se impõem, tecendo redes de conhecimento e apoio para narrar suas próprias vivências e lutas, contar e ouvir outras mulheres que por muito tempo foram silenciadas. Patrícia Hill Collins (2019), pesquisadora feminista negra estadunidense, relacionou o silenciamento da população negra ao exercício do poder branco:

Suprimir os conhecimentos produzidos por qualquer grupo oprimido facilita o exercício do poder por parte dos grupos dominantes, pois a aparente falta de dissenso sugere que os grupos subordinados colaboram voluntariamente para sua própria vitimização. A invisibilização das mulheres negras e de nossas ideias – não apenas nos Estados Unidos, mas também na África, no Caribe, na América do Sul, na Europa e em outros lugares onde vivem mulheres negras – tem sido decisiva para a manutenção das desigualdades sociais (Collins, 2019, p. 6).

O silenciamento das vozes negras na pauta do feminismo hegemônico⁴ foi uma das razões para a construção do feminismo negro. Segundo Davis (2016), “o racismo operava de forma tão profunda no

⁴ O termo feminismo hegemônico se refere à vertente do feminismo branco. Para esse movimento, o gênero é a questão mais importante. NOBREGA. [s.d.].

interior do movimento sufragista feminino que as portas nunca se abriram de fato as mulheres negras” (p. 160). A intelectual negra e poeta estadunidense Audre Lorde (2020) afirma que “havia no movimento das mulheres, uma concentração na opressão por ser mulher (mulher branca, cis, hétero, classe média) e eram ignoradas as diferenças de raça, orientação sexual, classe e idade, ou seja, a suposta sororidade não existia” (p. 143).

O legado histórico do feminismo afrodiaspórico vêm de longe. No Brasil, a ativista e intelectual negra Lélia Gonzalez (2020) destaca o protagonismo da mulher negra ainda no período do Brasil colônia:

Enquanto escrava do eito, ela estimulou os companheiros para a revolta, a fuga e a formação de quilombos. Enquanto habitante destes últimos, ela participou, como em Palmares, das lutas contra as expedições militares destinadas à sua destruição, nunca deixando de educar seus filhos dentro do espírito antiescravista, anticolonialista e antirracista (Gonzales, 2020, p. 198).

Nossas ancestrais lutaram pela vida, pela liberdade e pela família e passados mais de um século da abolição, ainda lutamos pela vida, pela liberdade e pela família. Neste sentido, o resgate da ancestralidade da mulher negra é de suma importância para o movimento feminista afrodiaspórico.

Nos Estados Unidos, Sojourner Truth, ex-escravizada e abolicionista, em 1852, no estado de Ohio/EUA, questionou “Por acaso não sou uma mulher?” para um público de mulheres brancas. Ela referia-se ao uso generalizado do termo mulher pelas feministas brancas e trazia à cena as particularidades das mulheres negras.

Intelectuais negras do chamado Black Feminism estadunidense, na década de 1980, retomaram a crítica ao essencialismo contido na categoria “mulheres”. Angela Davis, no clássico *Women, Race and Class* (1981), bell hooks, no livro *Ain’t I a Woman?* (2020) e Audre Lorde (2020), em “Sister Outsider”, desenvolveram a crítica acerca da categoria homogeneizante “mulher” e a necessidade de se considerar as diferenciações de classe social, raça e sexualidade nas diferentes experiências de mulheres.

Nessa perspectiva, o movimento feminista negro aboliu a ideia de que a opressão das mulheres era somente uma questão de gênero para que fossemos “vistas como pessoas inteiras em nossas complexidades reais – como indivíduos, como mulheres, como humanas” (Lorde, 2020, p. 146). Daí a importância do conceito de interseccionalidade, que emerge na diáspora atlântica e que aponta para dimensões importantes da desigualdade e exclusão social entre as mulheres negras, ampliando as categorias de opressão que atravessam suas vidas para além do gênero, e considerando também as marcações de classe, raça, sexualidade, idade entre outras categorias de análise. Foi a partir do protagonismo da jurista e feminista negra Kimberlé Crenshaw (1989), que esse conceito foi sistematizado, salientando que essas várias opressões operam juntas e simultaneamente, não havendo uma prioridade de opressões.

No Brasil, o conceito de interseccionalidade passou a ser estudado e disseminado por intelectuais negras como Djamila Ribeiro e Carla Akotirene. Para Akotirene (2019) “É imprescindível, utilizar analiticamente todos os sentidos para compreendermos as mulheres negras e “mulheres de cor” na diversidade de gênero, sexualidade, classe, geografias corporificadas e marcações subjetivas” (p. 29).

Nessa direção, Patrícia Hill Collins (2020) argumenta que “questões específicas da vivência da mulher negra no Brasil, no cruzamento de racismo, sexismo, exploração de classe, cidadania de segunda classe e heterossexismo, tinham pouco reconhecimento” (p. 47). Prosseguindo, Collins (2020) ressalta que as ideias e ações das mulheres negras brasileiras surgiram através de uma política identitária coletiva que se fundamenta nas “experiências comuns de dominação, exploração e marginalização” na diáspora negra (p.47). No pós-abolição, a organização das mulheres negras brasileiras ganhou força na década de 1930, com a participação das mulheres negra na Frente Negra Brasileira⁵.

Contudo, foi a partir das lutas feministas e antirracistas na década de 1970, que as mulheres negras intensificaram os debates sobre seus direitos, defendendo melhores condições de vida e trabalho. As ativistas negras impulsionaram a luta pelo seu lugar de protagonista dentro do movimento negro e do movimento feminista hegemônico e tensionaram as hierarquias desses movimentos, visibilizando as diferenças de classe, raça e gênero.

Na década de 1980, a ativista e intelectual negra Lélia Gonzalez, em diálogo com outras culturas das Américas, criou o conceito de Amefricanidade, que “incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reintegração e criação de novas formas) que é afrocentrada”, ou seja, “inspirada em modelos africanos” (Gonzales, 2020, p. 135). A autora defendia e valorizava a importância dos valores e modo de ser dos povos colonizados e principalmente dos negros em diáspora para a “construção de uma identidade étnica”. Gonzalez (2020) entendia que a experiência do povo negro em diáspora nos países de América apresentava características distintas das vividas

⁵ Frente Negra Brasileira: Criada em outubro de 1931 na cidade de São Paulo, a Frente Negra Brasileira (FNB) foi uma das primeiras organizações no século XX a exigir igualdade de direitos e participação dos negros na sociedade brasileira. FRENTE. [s.d.]

pelos irmãos que permaneceram na África, tornando crucial a “elaboração dessa amefricanidade que identifica na diáspora uma experiência histórica comum” (p. 135) e que sobrevive apesar do racismo existente nas sociedades americanas. Assim, Gonzalez (2020) aponta no texto: A categoria político-cultural de amefricanidade, que o conceito Amefricanidade originou-se a partir das lutas pela sobrevivência da população negra diaspórica nos países do continente americano:

Já na época escravista ela se manifestava nas revoltas, na elaboração de estratégias de resistência cultural, no desenvolvimento de formas alternativas de organização social livre, cuja expressão concreta se encontra nos quilombos, cimarrones, cumbes, palenques, marronages, maroom societies, espaiadas pelas mais diferentes paragens de todo o continente. [...] Reconhecê-la é, em última instância, reconhecer um gigantesco trabalho de dinâmica cultural que não nos leva para o outro lado do Atlântico, mas que nos traz de lá e nos transforma no que somos hoje: americanos (Gonzales, 2020, p. 138).

Seguindo os passos das ancestrais amefricanas que abriram caminhos através da luta e resistência, destaca-se a importância da feminista, intelectual e ativista negra Nilma Bentes, que a partir de suas vivências na Amazônia e como proponente da Marcha das Mulheres Negras⁶, defendeu a importância do “Bem Viver”, que contempla a integração com a natureza, a inclusão dos valores indígenas/negros nas práticas sociais, o relacionamento harmonioso entre as naturezas humana e inumana, temas reflexionados por Nilma no livro *Negritando*, lançado em 1993.

Talvez a sua identidade de mulher-negra-amazônida e engenheira agrônoma a tenha aproximado dessa filosofia, como outra forma de pensar o mundo. Segundo Alvarez (2016), a noção do ‘bem viver’

⁶ A Marcha das Mulheres Negras Contra o Racismo, a Violência e pelo Bem Viver aconteceu no dia 18 de novembro de 2015, neste dia cerca de 50 mil mulheres negras ocuparam a Esplanada dos Ministérios em Brasília/DF.

exprime o discurso decolonial, que para o intelectual, é muito relevante em “círculos ativistas e acadêmicos na região andina e em outras partes da América Latina, e está ganhando adeptos entre algumas mulheres negras, ativistas e mulheres indígenas no Brasil” (p. 72). Portanto, o feminismo negro produziu e continua produzindo, novas e relevantes epistemologias afrodiaspóricas que pretendem dar conta das especificidades das vidas das mulheres negras na diáspora.

II - A epistemologia das encruzilhadas e sua vocação anticolonialista

Pensar a diáspora como fio condutor do pensamento negro, oportuniza dialogar sobre epistemologias negras e repensar os processos da modernidade e do colonialismo. Nesse contexto, Césaire (2020), intelectual diaspórico, destaca a violência a que foram submetidos os sujeitos afrodiaspóricos nas relações entre colonizador e colonizado. O projeto de dominação colonial deixou como legado sua dimensão de colonialidade, que opera silenciando suas vozes, negando a produção de seus conhecimentos e constituindo os racismos contemporâneos, que continuam a oprimir e desumanizar os negros e negras da diáspora. Neste sentido, Rufino (2019), outro importante intelectual diaspórico, destaca que “não há enfrentamento e transgressão ao colonialismo que não assuma posições contundentes e comprometida com o cárcere racial e às suas formas de injustiça cognitiva” (p. 11).

Portanto, é importante considerar-se o trânsito atlântico de negros e negras em diáspora para além da violência da modernidade, como um espaço de resistência negra, e, assim, como potencial para transgredir as amarras da colonialidade. A diáspora negra teorizada por autores como Gilroy (2008) e Hall (2016) encurta os limites de afastamento espaço-tempo, tramando complexas redes de produção

e circulação de saberes, epistemologias e tecnologias. Butler e Domingues (2020) destacam o potencial da diáspora, para além dos processos de desterritorialização e territorialização:

Em outras palavras, o projeto de formação da diáspora vai além dos indivíduos que viajam; é também inseparável dos espaços fixos onde pessoas dispersas chegam para recriar comunidades e vínculos, bem como das memórias e dos relacionamentos contínuos e persistentes com os lugares de onde partiram. Neste processo, a transmissão de identidade, cultura e comunidade envolve milhares de interações com mulheres e homens que podem nunca deixar os lugares onde nasceram (Butler & Domingues, 2020, p.5).

Nos rastros da diáspora circula uma complexa rede de saberes produzidos a partir da resistência ante a violência colonial e a colonialidade. Para Reis (2012), Walker (2018) e Silva (2019), as resistências afrodiaspóricas produzem contranarrativas ao paradigma moderno, alicerçados na desconstrução do discurso dominante e na recriação e inovação de saberes e expressões culturais que possibilitam a criação de novas matrizes de conhecimento. Portanto, A diáspora negra possui potência anti-colonial e apresenta possibilidades para desnaturalizar os discursos hegemônicos, transgredindo o padrão branco, patriarcal, capitalista, cristão, eurocêntrico, antropocêntrico, adultocêntrico e excludente. Assim, é necessário que as matrizes de pensamento produzidas ao longo da diáspora sejam visibilizadas, não no sentido de inverterem oposições binárias, mas para oportunizar o conhecimento de outros saberes e outras formas de pensar e viver e suas nuances e ambivalências. A importância de destacar tais epistemologias é no sentido de se buscar brechas nos regimes de verdades gestados na modernidade e de se transgredir o padrão da supremacia branca. Para Zubaran (2016), pensar nessa possibilidade de transgressão possibilita “visibilizar o protagonismo negro” e “ultrapassar as fronteiras simbólicas da sociedade branca” (p. 159).

Destaca-se a Pedagogia das Encruzilhadas teorizada por Luiz Rufino (2019), como uma alternativa afroepistemológica a lógica colonial, com potencial para contestar as verdades absolutas produzidas pela ciência moderna. A Pedagogia das Encruzilhadas, enquanto tecnologia afrodiaspórica possibilita a circulação de uma potente rede de matrizes de conhecimentos, saberes e conceitos que visam enfrentar a colonialidade e o racismo epistêmico e que possuem um caráter ético, político e poético. Segundo o autor, seu caráter político relaciona-se à luta antirracista, ao seu caráter ético e seu potencial transformador como estratégia educativa.

Já o aspecto poético emerge do “diálogo cosmopolita (cruzado) com inúmeras sabedorias e gramáticas que foram historicamente subalternizadas” (Rufino, 2019, p. 20). Nessa perspectiva, é válido enfatizar que tal Pedagogia se constitui nas encruzilhadas da modernidade, onde não há apenas um caminho, mas uma pluralidade de cruzamentos e saberes que se conectam e se afastam, ao contrário da singularidade moderna e seus processos lineares. É, portanto, assentada nas esquinas da modernidade diaspórica, entre os “cacos despedaçados ao longo de mais de cinco séculos, das sobras, dos pedaços de corpos e de experiências ancestrais que inventaram a vida nas frestas” (Rufino, 2019, p. 21).

De acordo com Rufino (2017) é nos cruzos das Encruzilhadas, que se encontra o poder de Exu, portador do axé, da energia vital, que circula ao longo da diáspora negra e afro-brasileira, entidade que trabalha nas encruzilhadas. “A encruzilhada em termos exusíacos, emerge como o tempo/espço das invenções cruzadas entre um imaginário em África e as suas reverberações criativas e inacabadas da diáspora” (p. 28). Para Carneiro (2018), Exu:

Existe nos animais, minerais, plantas, seres humanos (vivos e mortos), mas não como algo imanente: é preciso o contato de dois seres para a sua formação. E sendo força, mantém-se, cresce, diminui, em função de uma relação ontológica do indivíduo com os princípios cósmicos (orixás) com os irmãos de linhagem, com os ancestrais (Carneiro, 2018, p. 216).

Cabe ressaltar que a relação da Pedagogia das Encruzilhadas com Exu e o axé não indica um caráter de religiosidade, mas sim uma outra possibilidade de comunicar saberes. Uma pedagogia baseada em Exu não é baseada na dominação e nem pautada pelo entendimento de racialização do outro. Pensar nessa pedagogia, é pensar na capacidade de resistência, recriação e inovação. Possibilita pensar no ressurgimento dos cacos da violência colonial, visto que Exu em sua origem foi picotado em 201 pedaços e ressurgiu com potencial educativo na Pedagogia das Encruzilhadas.

A fim de se ampliar a compreensão sobre a Pedagogia das Encruzilhadas é pertinente também compreender os conceitos de rolê e ebó epistemológico. O rolê é um movimento de ginga da capoeira, onde o capoeirista desvia-se e avança constantemente. Um rolê epistemológico indica esses avanços e retardos, descentrando o ocidente, indicando que os saberes produzidos ao norte global, não dão conta da produção de ciência no mundo. Um ebó, por sua vez, no candomblé representa um sacrifício. O ebó epistemológico indica as possibilidades de cruzamentos de fronteiras. Rufino (2019) explica que “o ebó opera também como um princípio tecnológico, uma vez que a partir dele que se estabelecem as comunicações, trocas e invenções de possibilidades” (p. 87).

A Pedagogia das Encruzilhadas enquanto estratégia epistemológica e possibilidade analítica encontra nas bifurcações e nos vazios deixados pela ciência moderna saberes produzidos ao longo da diáspora negra. Para Rufino (2019) a modernidade colonial enquanto encruzilhada

emerge não apenas para expor os limites e contradições da produção de um mundo binário, produtor de escassez e desencanto, mas se lança para reivindicar a encruzilhada como conceito para lermos o mundo, a partir das potências de Exu, que é por excelência o espírito que a encarna e a mobiliza. A encruzilhada-mundo emerge como horizonte disponível para credibilizarmos as ambivalências, as imprevisibilidades, as contaminações, as dobras, atravessamentos, interstícios, zonas fronteiriças, os não ditos, as múltiplas presenças, sabedorias e linguagens, ou seja, as possibilidades (Rufino, 2019, p. 18).

Nesse sentido, é necessário compreender a trama de conexões de saberes que transcendem a noção moderna de espaço e tempo operadas por Exu nas encruzilhadas. Rufino (2017) afirma que “Exu baixa encarnando-se nas gingas dos capoeiras, nas amarrações de versos dos jongueiros, nos dribles de corpo. Baixa em Fanon⁷ e faz de Bakhtin⁸ seu cavalo de santo” (p. 23).

Através da potência de Exu como ser ancestral e como aquele que comunica nas esquinas modernas, a Pedagogia das Encruzilhadas busca nas frestas do pensamento singularizado, conduzida pela força do axé a conexão passado/presente/futuro dos sujeitos e dos saberes diaspóricos.

O pensamento de Luiz Rufino sobre a Pedagogia das Encruzilhadas nos convoca a pensar nos diversos atravessamentos que se impõem para uma educação decolonial e antiracista, que transgrida

⁷ Frantz Fanon: Psiquiatra, intelectual e revolucionário negro nascido na Martinica. Seu pensamento contesta o colonialismo, a dominação colonial e suas estruturas subjetivas. FANON (2008).

⁸ Mikhail Mikhailovich Bakhtin: Foi um destacado filósofo e pensador que se destacou ao analisar as expressões da linguagem humana na literatura.

os limites impostos pela colonialidade e pelo racismo estrutural e que permita traçar conexões com outros saberes e outras epistemologias gestadas nas lutas de resistência negra na diáspora afro-brasileira e suas conexões com o trânsito Atlântico. Uma pedagogia que considera “a educação como fenômeno humano na articulação entre conhecimento, vida e arte, [...] considerando que as culturas transladadas na diáspora africana possuem modos de educação próprios, independentes e autônomos” (Rufino, 2019, p. 84). Essas matrizes negras de conhecimento, assentadas nas esquinas da modernidade, possuem potencial para visibilizar a produção de conhecimento de negros e negras desde suas conexões ancestrais na África até os rastros da diáspora afro-brasileira.

Considerações Finais

No decorrer deste artigo, dialogamos com estudos produzidos sobre a diáspora afro-atlântica, no sentido de credibilizar as pesquisas realizadas sobre essa temática e salientamos outros saberes e epistemologias afrodiaspóricas. Destacamos as potencialidades do pensamento feminista na diáspora e as pedagogias das encruzilhadas como potenciais estratégias de luta contra o racismo epistêmico na educação brasileira.

Entende-se, na esteira do que sublinhado por Butler e Domingues (2020), que não há nenhuma explicação unívoca que possa abranger a variedade das experiências e dos desafios de pessoas negras, na África e na diáspora. Neste sentido, são muitas as vertentes epistêmicas do pensamento afrodiaspórico que se encontram nas encruzilhadas. O trânsito atlântico de negros e negras e as interconexões com a diáspora afro-brasileira possuem uma dimensão ancestral. Essa conexão

possibilita transcender o entendimento de espaço e tempo modernos e, dessa forma, contestar hoje o eurocentrismo e o racismo epistêmico que historicamente silenciou negros e negras.

Dessa forma, a diáspora negra reverbera entre passado, presente e futuro, tecendo entrelaçamentos entre aqueles que já foram, os que ainda estão por vir e os que aqui estão. Como tem destacado Rufino (2019), "A ancestralidade é a vida enquanto possibilidade, de modo que ser vivo é estar em condição de encanto, de pujança, de reivindicação da presença como algo credível. A morte, nesse sentido, não está vinculada simplesmente aos limites da materialidade" (p. 15).

Ao tomar a diáspora como elemento central nas análises deste texto, é possível compreender uma complexa trama, uma ampla rede de saberes, tecnologias e matrizes de conhecimento afrodiaspóricos. Esses elementos foram e são gestados ao longo da dispersão global da população negra e estão marcados por vivências, trocas culturais, recuperações de experiências e negociações que desnaturalizam as representações racializadas e o cárcere colonial.

Assim, é possível tomar o pensamento feminista negro e a pedagogia das encruzilhadas como epistemologias negras capazes de mobilizar saberes, conceitos e encontrar, nas frestas da ciência moderna, outras formas de ser e estar no mundo. Os conhecimentos de negros e negras, desde a África, repercutem no Caribe, nos Estados Unidos da América e na população afro-brasileira.

O pensamento feminista negro estadunidense, representado por intelectuais como Sojourner Truth, marcou o pensamento abolicionista daquele país, conectando-se a intelectuais contemporâneas como bell hooks e Patrícia Hill Collins. Essas intelectuais negras forjaram saberes e contestaram visões universalizantes, propostas pelas feministas brancas e transgrediram às opressões coloniais.

Suas presenças estão vivas e ressoam nas trocas e produções culturais de intelectuais negras na diáspora afro-brasileira, tais como nos instigantes escritos de Lélia Gonzáles, que desenvolveu o conceito de Amefricanidade, tratando das lutas dos povos latino-americanos contra o racismo hegemônico. As feministas da diáspora afro-brasileira constituíram e continuam a constituir, múltiplos saberes que reconfiguraram as formas de fazer ciência. Nesse sentido, a importância do conceito de interseccionalidade, que possibilita ampliar o entendimento dos múltiplos atravessamentos de opressões na vida das mulheres negras, para além de raça, incluindo as categorias de classe, gênero, sexualidade, entre outros. Ainda no contexto da reconfiguração das formas de fazer ciência, o pensamento feminista, a partir das narrativas das mulheres negras, mobilizaram a ideia do “Bem Viver”, apontando outras cosmovisões que problematizam o caráter eurocentrado da educação.

Na mesma direção, a pedagogia das encruzilhadas opera no alargamento das formas de saber/fazer na educação. Isso se dá conforme Rufino (2019) através das "mandingas" e "encantos", apresentando outras estratégias para contestar os caminhos sem curvas da modernidade. No campo da educação, a pedagogia das encruzilhadas possibilita problematizar as narrativas únicas de explicação do mundo e dos seres humanos, oportunizando formas enviesadas de contar histórias e encontra em Exu um fenômeno educativo. Exu ao "trabalhar" nas encruzilhadas mescla saberes que foram historicamente separados e que possibilita a problematização e o conflito criativo entre os saberes do norte e do sul global para que coexistam de outras e renovadas formas, tendo no Axé a sua força vital.

A pedagogia das encruzilhadas e o pensamento feminista negro aqui destacados apontam para a construção de renovadas epistemologias negras, que trazem em seus rastros outras possibilidades de

educação e uma vez presentes nos currículos escolares e das universidades, tensionaram as narrativas eurocêntricas e o racismo epistêmico e tornarão esses espaços mais plurais e hibridizados, tal como ocorre no trânsito comunicacional da diáspora afro-atlântica.

Referências

Akotirene, C. (2019). Interseccionalidade. (1ªed.). Pólen.

Alvarez, S. E. (2016). 'Vem Marchar com a Gente'/Come March with Us. *Meridians*, 14(1), 70–75.
<https://doi.org/10.2979/meridians.14.1.05>

Butler, K. D., & Domingues, P. (2020). Diásporas imaginadas. *Atlântico negro e histórias afro-brasileiras* (9ªed.). Perspectiva.

Césaire, A. (2020) Discurso sobre o colonialismo (9ªed.). Veneta.

Collins, P. H. (2019). Pensamento Feminista Negro [recurso eletrônico]. (9ªed.). Boitempo.
https://boitempoeditorial.files.wordpress.com/2019/12/minilivroboitempo_patricia-hill-collins.pdf.

Davis, A. (2016). 1944- Mulheres, raça e classe [recurso eletrônico]. (1ªed.). Boitempo.
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4248256/mod_resource/content/0/Angela%20Davis_Mulheres%20e%20raça%20e%20classe.pdf.

Miranda, F. R., & Assunção, M. F. M. (Orgs.). (2021). Pensamento afrodiaspórico em perspectiva: abordagens no campo da História e Literatura (Volume 1). Fi. <https://www.precog.com.br/bc-texto/obras/2021pack0871.pdf>

Fanon, F. (2008). *Pele Negra, máscaras brancas* (1ªed.). EDUFBA.

Frente N. B. (s.d.). Frente Negra Brasileira. Ipeafro.
<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/antecedentes-do-ten/frente-negra-brasileira/>

Gilroy, P. (2012). *O Atlântico negro*. (2ªed.) Editora34, 2012.

Gonzalez, L. (2020). Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos / organização Flávia Rios, Márcia Lima. (1ªed.). Zahar.

Hall, S. (2016). *Cultura e representação*. (1ªed.) Ed.PUC-RIO.

Hooks, B. (2020). *E eu não sou uma mulher? mulheres negras e feminismo*. (6ªed.). Rosa dos Tempos.

Lorde, A. (2020). *Irmã Outsider* / Audre Lorde; tradução Stephanie Borges. (1ªed.). Autêntica.

Nobrega, A. (2022). O que é e como surgiu o feminismo negro? eCicle.

<https://www.ecycle.com.br/feminismo-negro/>

Patterson, O. (2008) *Escavidão e Morte Social: um Estudo Comparativo*. (1ªed.). Edusp.

Reis, M. L. M. (2012). *Diáspora Como Movimento Social: A Red de Mujeres AfrolatinoAméricas, Afrocaribeñas y de la Diáspora e as políticas de combate do racismo numa perspectiva transnacional*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFSC.

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/100761/308891.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Rufino, L. (2017). *Exu e a pedagogia das encruzilhadas*. [Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UERJ.

https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/10434/1/Tese_Luiz%20R%20Rodrigues%20Junior.pdf

Rufino, L. (2019) *Pedagogia das Encruzilhadas*. (1ªed.). Mórula Editora.

Silva, A. R. (2019). *Diáspora e contribuições epistemológicas de mulheres afro-latinas*. XIII ENANPEGE.

Walker, S. (2018) *Conhecimento desde dentro: os afro-sul-Américanos falam de seus povos e suas histórias*. (1ªed.). Kitabu.

Zubaran, M. A. (2016). *Pedagogias da imprensa negra: negociações de sentidos e transgressões simbólicas*. *Educar em Revista*. (60), 215-229. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.43561>